



PORTE
PAGO

Quinzenário * 14 de Janeiro de 1978 * Ano XXXIV — N.º 883 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Aniversário

FAZ trinta e oito anos, este Janeiro, que a Obra da Rua nasceu no peito sacerdotal de Pai Américo. Gerada na dor de ver, conhecer e amar os pequenitos da rua, ela começou então a ganhar forma, e hoje está presente em algumas províncias de Portugal e de Angola. Mas não só. Onde chega o eco de O GAIATO, ela é também presença inquietante, a motivar forças adormecidas em proveito dos mais necessitados, a despertar consciências acomodadas para as exigências do Evangelho, a dar a conhecer no hoje de cada um a Encarnação de Cristo nos mais humildes e desprezados, para que O amemos a Ele nestes.

Consagrada ao Nome de Jesus, não teme com os temores comuns dos que se alicerçam nas próprias forças. Na fidelidade a Ele, sabe que não poderão haver forças que a derubem, enquanto as causas que a fizeram nascer não forem extintas. Pelo contrário, é com mágoa por um lado, mas com alegria por outro, que se vê cada vez mais solicitada a dar resposta aos problemas dos Pobres que a sociedade teima em marginalizar.

Servidores humildes queremos merecer a alegria de poder continuar a servi-la para que ela sirva os homens nossos irmãos.

Padre Baptista

SETÚBAL

● A ingratidão é, hoje, mais que noutros tempos, uma avalanche. Assusta os principiantes. Os calejados riem-se dela e andam para a frente. Sabem pela experiência, pela ciência e pela fé que o Bem uma vez feito ninguém o destrói. O Bem é eterno como o é a sua Fonte!

Entre nós há muita gente desanimada pelos destroços desta avalanche.

Compreendemos os desencantes. Os cristãos não.

Que nos diz o Senhor? — Não chames para tua casa os teus parentes, os teus amigos ou os teus vizinhos ricos. Eles poderiam retribuir-te o bem que lhes fazes. Convida antes os Pobres, os Estropiados, os que não sabem agradecer. A recompensa virá do Pai do Céu, origem de todo o Bem.

● O Domingos Jaime teve de sair da nossa Casa. Vinde e um anos!... O 5.º ano da Liceu. Um físico bem desenvol-

vido. Naufragado no mar das novas ideais. Cama e mesa postas. Um mal no meio de muitos.

Numa Obra como a nossa, se o rapaz não aprende a responsabilizar-se e, conscientemente, entra numa linha de contestação sistemática aos outros sem ver as suas próprias culpas é um veneno que contamina todos os mais fracos. Como é, aliás, neste momento, o grande mal da sociedade portuguesa. Muitos indivíduos perderam o total sentido das suas responsabilidades pessoais e alienaram-se: na colectividade ou na classe, no partido ou no pró ou no contra o Governo.

Teve de ir saber que a vida é dura.

Custou-me muito, pois o natural seria que ele soubesse da nossa para a sua família. Contrariar a natureza é sempre uma violência.

Era do Porto. O pai passou

Cont. na 3.ª pág.

DESCOBRI UM NOVO MUNDO

No final de tanto brincar, chegava o terrível ir embora. Os últimos dias de Setembro vinham de cortinas negras; depois das vistas de fogo, a escuridão.

Arrumar casa, fechar portas, debandar. Para onde?!

Se toda a gente das cidades conhece o ardina da rua de o ver nas ruas, poucos há que saibam aonde ele mora, muito menos como vive.

Os lugares clássicos da piohice — que em todas as terras têm seus nomes e na de Coimbra se chamam Bairro-das-Latas, Quinta do Poço, Arco Pintado, Pátio dos Lázaros, Lojão, Casa do Inferno — são zonas tenebrosas, conhecidas somente de fachada, que lá dentro ninguém vai a não ser a polícia! Eu também lá vou, por outras razões.

O garoto ateísta que eu seja mãe e chama-me para tudo.

Se algum companheiro adoece, os outros passam palavra e levam-me onde ele habita. Chegado que sou à porta, vai uma chusma deles atrás de mim. Vão tristes. São solidários. O amigo está doente.

O catraio da rua adoece por comer mal. A tudo ele resiste: frio, sol, aguaceiros, noites, sarna, tinha, maus tratos — tudo. Menos a fome lenta.

Entro. A mãe não está em casa. Pai, não tem. Um deles procura fósforos, acende um candeeiro e mostra: — «Olhe ali!» Este ali é o sítio que os

espera, após a debandada das Colónias de Férias.

Há muito que me doía o coração, de não poder comprar uma quinta que fosse deles, para eles, governada e amparada por eles, para os livrar do tuguirio em caso de doença.

Querida trazer na algibeira um remédio sempre pronto, ao visitar o pequenino doente na mansarda ou ao vê-lo abandonado por doença ou incuria dos pais; queria receitar.

Não podia sofrer por mais tempo o ouvir, no final das Colónias de Férias, «deixe-me ficar aqui, que a gente em casa

passamos fome» — eu que sabia a verdade toda!

Não! Arrumar, fechar, ir embora — estas palavras tinham de ser riscadas; e em lugar delas armar tendas no campo, como Pedro quis fazer outrora no Tabor, pois que os pequeninos também gritavam à uma: «é bom ficarmos aqui!»

As Colónias de Campo do Garoto da Baixa eram uma Obra incompleta e eu tinha medo que o povo lhes chamasse, como às capelas da Batalha, imperfeitas. Eu mesmo sentia que algo lhes faltava.

Transplantar o garoto da rua para terreno adequado, onde



Flôres a tratar de flôres! É assim, há trinta e oito anos, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua.

ele se possa desenvolver e produzir bons frutos, é defender Inocentes. De tantos que tenho visitado no tuguirio, ainda não topei um só que me não fizesse soltar do coração o doloroso «ai meu filho, onde tu dormes!» É no infortúnio que eu mais lhes quero.

O nível de vida da gente que mora nos aglomerados pobres, terra natal do ardina, mede graus abaixo de zero; e gela, no que diz respeito a costumes.

Nos em que atrás se fala, bem como nos congêneres de outras cidades, o único remédio é destruir os casebres e edificar noutras paragens. Não que com isso esteja tudo feito, que a população não muda com a mudança. Mas sim, fica terreno aberto à missão de evangelizar.

Há dez anos que trabalho na rua e nada mais tenho feito, em Coimbra, do que dar pão aos famintos; que eles, os tristes filhos da noite, de nada mais têm fome.

Esse outro Alimento que Jesus propôs e quer dar às tur-

bas, por meio da acção sacerdotal, esse nunca m'ô pediram, nem sabem do que se trata. Nem tão pouco O poderiam digerir, sem que primeiramente tivessem flores no jardim, lume na lareira, roupa na caixa e conforto em casa. Ora naqueles sítios não há jardim, nem há lareira, nem há caixa, nem há casa — terra natal do ardina!

Quando calha ser insultado ou até soado por aquela pobre gente, retiro-me para outros sítios a fazer penitência dos meus pecados e deixo correr o marfim. Nem eu seria melhor, nem tu, se vivéssemos como eles vivem.

Os pais aborrecem os filhos. Sei de alguns pequeninos que se vão oferecer espontaneamente às Tutorias; e sei de outros maiores que propositamente furtam, para ficar — tal o espectro da fome!

Não tenho autoridade para arrasar tocas, nem posses para construir bairros; mas nem por isso fiquei com as mãos nas

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

NATAL

Natal!...

Riso de Mãe esquecendo a dor.

Beijar de criança num lar!

Amor!

Natal doçura!

Criança de olhar meigo

Brilhando!

Mil estrelinhas luminiscentes

Natal alegria!

Um brinquedo novo voa

Na fantasia do sonho...

Uma criança ri...

Brincam nuns olhos sorridentes

Mil reflexos...

Natal, paz!

Germinar de semente.

Veste branca em toda a terra.

Leve beijar em cada boca

Que sorri...

Natal Amor!

Palavra de mãe...

Quente braço de pai...

Cristalino gorgear de infância...

Natal presépio!

Pastores cantando...

Noite de luz!

Anjos voando,

Anunciando,

Nasceu Jesus.

Sonho!...

Consoada de bem.

Mesa farta!

Presépio de amor!

Mas!!!!... Oh!...

Há lágrimas nuns olhos de menino?!

— Menino ri, é Natal!

Tristes olhos de menino falam...

Sonhos maravilhosos que apagaram.

Lindas flores que murcharam.

Primavera

Com folhas caindo.

Duas lágrimas rolando...

Rios cheios

Alagam os campos,

Afogam os sonhos.

Há frio...

É inverno...

Norte impiedoso

Penetra nos velhos farrapos,

O velho inverno treme...

Noite de Natal?...

Há neve no ventre mãe...

E...

Não haverá Natal amanhã!

Senão...

Pesados pés arrastando.

Ombros que pesam a vida

Que arrastam.

Arrasta o pau

O pobre mendigo.

Mendiga o corpo

O repouso merecido.

Um velho banco...

Espuma e penas...

Espuma de dor...

Dor que pesa nos anos.

Penas passadas,

Deixando adivinhar

Mais penoso provir.

Braço almofada

Sustendo o peso dos brancos cabelos,

Fria neve

Que à vida apagou todos os sonhos!

Que pode haver?...

Que luz pode brilhar ainda?...

Um corpo jazendo no túmulo

Dos seus farrapos.

— Eh homem! É Natal!!!

— Ah!!! Sim?...

E ajoelhando:

— Obrigado Senhor!...

«Lita»

Tojal

CAMPO — Na hora em que vos escrevo, a azeitona já foi toda apanhada. Este ano não foi lá muito bom, tendo em conta as oliveiras não terem sido podadas, por não termos ninguém que saiba fazê-lo. Mesmo assim ainda apanhámos 2.500 Kg. de azeitonas, que equivalem a 250 litros de azeite. Na apanha colaboraram os rapazes das oficinas, formando um grupo cada dia, em especial ao sábado, que era formado por toda a Comunidade. Apanhou-se depressa, mas podia ser mais rápido se não fosse um bocadinho de «cera» por parte dos mais velhos. Isto de falar em azeite tem muita coisa que se lhe diga, pois é um produto que está a circular a um preço que só os ricos lhe podem chegar.

Mas campo não é só oliveiras e azeite, pois as laranjas já entraram em acção e com elas os primeiros castigos: devido às «visitas extras» efectuadas pelos nossos «Jagunços».

Será que as laranjeiras necessitam de tantas visitas extras?!

GINÁSTICA — Com a especial colaboração do amigo sr. Fernando (Monitor de preparação física) os nossos atletas já entraram em actividade com uma sessão ao sábado, a partir das 15 horas. O treino processa-se da seguinte forma: corridas e exercícios de ginástica para todos. Depois disto, que demora uma hora, ficam os que gostam de jogar futebol para uma pelada.

Assim os nossos atletas têm em vista uma preparação para poderem enfrentar qualquer equipa. Simplesmente acontece o seguinte: depois da realização de vários jogos tenho vindo a notar a equipa com muito poder físico, mas em contrapartida perde quase todos os jogos!

Fiz uma sondagem e descobri o mal: as botas. Por isso, proponho-me pedir aos amigos leitores se por acaso tiverem por aí umas botas faziam-nos muito jeito... Obrigado.

VISITAS — No mês de Dezembro a nossa Casa recebeu muitas visitas. Entre outras, os Escuteiros de Odiveiras, no dia 8 de Dezembro; e o Grupo Cultural dos Trabalhadores da STET. Foram espectaculares!

O grupo da STET trouxe-nos a «Chachéla», prima da «Cornélia», palhaços e um ilusionista que até comia lâminas de barbear. Foram tardes bem passadas. Por isso, o nosso obrigado pelas horas de alegria que nos deram. Bem hajam.

«Pato Bravo»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL MAIS DOCE — Ela veio depois ao nosso encontro. Teve um Natal mais doce, mais abundante.

Chorou o seu calvário. Quis agradecer! Quis ser delicada. Por isso, sentimo-nos confundidos. E dissemos porquê: um acto de justiça não se agradece!

Entendeu. Os Pobres, quando Pobres, entendem.

Fez então uma oração espontânea. Ficámos ainda mais confundidos quando disse que é tudo fruto da Providência.

Regressou feliz. E nós, mais cheios do Bafo de Cristo. Sem Ele, nada de nada!

PARTILHA — Como pode a gente descrever o que aí vai? É uma procissão valente, de Valentes! São mãos dadas que nunca faltam. E delas que aparecem só nesta quadra, ou noutras, porque a vida é dura, é muito dura para muitos dos nossos Amigos. Daí, avaliarem bem a dor dos que sofrem.

A. F. continua aparecendo, desta feita com 210\$00 «por alma de minha avozinha Cirena». De Faro, 100\$00: «pequena lembrança para os Pobres». E, ainda de Faro, uma remessa oportuníssima. Que delicadeza! Lisboa, Rua das Amoreiras, carta muito amiga recordando datas que nos são caras e 100\$00 «para ajudar o jantar de alguém que mais precise». Ainda de Lisboa, a presença simpática doutro casal «pedindo ao Senhor que toque os nossos corações e seja sempre Natal entre os homens». Mais da capital: «uma pequena migalha (100\$00) do 13.º mês da minha pequena reforma». Metade de Estremoz «por alma de minha mãe». De algures, 200\$00 «com um abraço amigo». A. C. M., do Porto, 1.000\$00: «500\$00 por alma de meus Pais (Albertina e José)». Estiveram connosco «Eu e ela» e deixaram em nossas mãos 1.250\$00. Assinante 11162, «migalhinha de Novembro e Dezembro»: 200\$00. Mais 400\$00 do casal assinante 17022. Outra «migalhita» da Maia, pedindo «desculpa ser tão

insignificante». Ois da Ribeira, 100\$00. O mesmo de Sertã «como agradecimento por uma graça obtida». Lisboa, 2.000\$00 «total de um subsídio por falecimento de minha sogra». Manuela, 60\$00. O mesmo da assinante 1063, também da capital. Outra vez Estremoz, agora com 150\$00 da assinante 21863; «é uma magra, muito infima partilha, mas não me é possível enviar mais, nesta altura». Cardigos, assinante 32897, 100\$00. Chão Verde (Rio Tinto), 500\$00. Odiveiras, assinante 30719, 150\$00. Avenida Sacadura Cabral, Lisboa, 500\$00. Mais 150\$00 de uma «aposentada e doente já idosa», do Porto. Espinho, 50\$00 do assinante 20856. Uma «amiga anónima», de Fátima, com 5.000\$00. Um Professor catedrático, de Lisboa, com 100\$00. E, por fim, um velho amigo de Ermesinde com 1.000\$00.

Retribuimos, com Amizade, votos de Santo Ano Novo. Muito obrigado.

Júlio Mendes

miranda do corvo

FESTA NATALÍCIA — Para que no dia 25 de Dezembro pudéssemos ter e fazer uma festa numa sala adequada, modificámos e preparámos para tal, o que até há anos tinha sido a nossa oficina de carpintaria.

É fruto de largos dias de trabalho que se prolongavam pela noite, muitas horas extraordinárias, como se diz; é um fruto que nos pertence. Empregámos aí a nossa força de trabalho, a vontade de melhorar o nosso ambiente para os que hão-de vir.

E conseguimos. Ficámos com um magnífico salão. É um salão sem colunas, onde se pode brincar, correr e saltar sem medo do tempo ou de colisões.

Como inauguração da nova sala ou salão, fizemos um convívio-concurso: a visita dos Magos. Até houve júri, cujos membros foram convidados de entre os Amigos que mais vezes nos acompanham quando das nossas Festas.

Organizou-se um programa, fez-se um regulamento e as provas a apresentar eram da inteira responsabilidade dos concorrentes, tendo estes que se sujeitar ao regulamento apresentado.

Foram oito concorrentes. Após sorteio ficaram designados quatro para uma primeira sessão que se realizou no dia de Natal e os outros quatro para a segunda sessão, na terça-feira seguinte.

Cada concorrente chamou os acompanhantes que quis. Não havia limite de número.

Foi um convite à nossa imaginação criadora.

Não havia idades pré-estabelecidas. Concorreu quem quis, quem via que era capaz de fazer um programa, submetê-lo à apreciação do júri e assim habilitar-se aos prémios para o primeiro, segundo e terceiro classificados; e dois de consolação: um para o vencedor da primeira sessão, outro para o da segunda.

Houve, também, prémios de participação, digamos assim, atribuídos a todos os concorrentes, embora não classificados nos três primeiros

lugares, que nos apresentaram agradáveis momentos. Houve festa; houve a participação dos concorrentes e acompanhantes; houve a sugestiva, simples e sincera apreciação do júri ao qual agradecemos uma vez mais; e houve, também, o vibrar de uma assembleia juvenil. Foi uma festa familiar. Vivemos o Natal em todos os seus aspectos, nas provas livres, na quadra e no tema que os concorrentes apresentavam.

Foi Alegria, Paz e Amor. Partilhámos espiritualmente com aqueles que a sociedade designa de escória.

Para o Natal ficou também preparada uma secção da nossa Casa destinada aos casais com ou sem filhos que, de visita à nossa Obra, necessitam ou desejam passar uma ou mais noites. Desde já, é uma secção requetada e nada desconfortável. O Elísio e a esposa foram os primeiros; mas esqueci-me de lhes perguntar como acharam a habitação! Suponho — e é a opinião unânime — que é muito agradável.

Connosco estiveram muitos rapazes, hoje casados, e alguns mais os filhos. Vieram ver a sua Casa. Vieram partilhar. E partilhámos o Natal. A Missa-da-galo, a paz e o Amor que desceu até nossos corações. Uma vez mais renasce em nós a salvação, a ideia do Menino que Se deu a nós, que nos ama. Nós também O amamos nas nossas quedas, na nossa qualidade de pecadores que somos, sujeitos à tentação. A celebração de Domingo, dia de Natal. A pressa que se fazia notar nos mais pequeninos, ansiosos por terem entre os dedos o brinquedo que durará apenas algumas horas.

E para nós?...

Que é feito do Natal?

Olhemos o Próximo aflito. Ajudemos, aliviando a dor do nosso Irmão mais faminto de tudo e de todos — pão, paz, amor, compreensão.

Também lhe cabe um lugar na sociedade. Também a ele pertence a possibilidade de conhecer amar e servir. Também ele se deve salvar.

Assim é o Natal. Assim vivemos o Natal.

Benjamin

Setúbal

Fomos à festa da Lisnave. Todos os mais pequenos, excepto alguns dos mais graúdos que ficaram a fazer as suas obrigações.

Eu fui. E gostei muito da festa. Gostava, realmente, que todos os que não foram pudessem ter ido...

A festa não foi apresentada por profissionais, mas por amadores.

Alguns dos nossos, como o Pepe, o Rui e outro, cantaram para animar a malta.

No regresso a Casa, alguns dos rapazes foram ao nosso encontro. E assediaram-nos de perguntas: — Porque é que eu não fui?! O Pedro retorquiu: — Amocha que eu já amochei muitas vezes...!

No entanto, o Pedro e o «Serrador» contaram tudo a miúdo. E a malta, gostou de saber.

«Garrote»



O filho do Toni, e da Ana Maria, que foi da Casa do Gaiato de Benguela.

Malanje

É quase uma profanação escrever sob este título sem a inspiração poética de P.e Telmo. Mas já que ele o não faz, atrevo-me eu para dar notícias do nosso Natal.

Revivi o de há 14 anos. Éramos então uma Comunidade dez vezes menor, toda pigmentada de branco. O contexto, porém, mais próximo do Presépio: entre extensões enormes de capim, aquelas casinhas de adobas que encontramos junto à velha lagoa; que remendámos e calámos para remediar, e que o tempo, entretanto, quase completamente devorou. Tenho pena que se haja perdido aquele documen-

to, mas a vida não se compadece de sentimentalismos e toda a atenção e esforços foram e são necessários à construção desta Aldeia cada vez mais linda e ao desbravamento das terras em redor. Ainda hoje, em volta pela fazenda com P.e Telmo, todo o nosso assunto foram pensamentos de futuro: uma mais eficiente divisão dos parques do gado; a localização de uma casa de ordenha com sua fabriqueta artesanal de queijo e manteiga, conforme projecto proposto à UNICEF, se for atendido; um plano de culturas que, com muito realismo, se adapte às condições de mão-de-obra na-

da fáceis, em que teremos de contar, aqui como em todo o lado, sobretudo com a prata da casa.

Mil hectares são cerca de cinquenta quintas de Paço de Sousa ou do Tojal. A Comunidade ronda os 100 Rapazes, quase todos ocupados com Escola ou Oficinas. Compreende-se quão difícil o amanho de tamanha grandeza. E o facto de a principal cultura ser o gado, com a maior parte do terreno reservado ao seu pastio, não dispensa de muitos cuidados e trabalhos — que quatrocentas cabeças requerem pastores e tratadores atentos, à manutenção e sanidade da manada (e estes são de palmo e meio!), não falando dos homens que, permanentemente, vigiam e reparam os arames e pilares da vedação dos parques.

A ocupação da terra é, pois, um trabalho absorvente que preocupa, não só pela subsistência da Casa como pelo efeito do exemplo e estímulo às populações vizinhas. Produção é uma palavra-de-ordem constantemente repetida. Mas produz-se tão pouco! É ver a procura permanente de géneros com que somos assediados e a corrida suplicante que foi agora no Natal, por uns ovos, por uma galinha, por um pouco de carne de vaca ou de porco, por hortaliças... e a tristeza que tantos levavam por não poderem ser atendidos. Tantos que poderiam produzir eles mesmos aquilo que vinham pedir lhes vendêssemos!

A ocupação da terra que nunca é um problema privado mas um dever social, redobra, aqui e agora, de imperativos morais: produzir para responder de imediato, quanto se possa, às necessidades gritan-

tes do Povo; e, sobretudo, para contagiar ao trabalho reprodutivo tantos que esperam de braços caídos o que poderiam grangear por suas mãos.

É, nesta perspectiva pedagógica, ansiosa de efeito positivo, tanto nos nossos Rapazes como em volta das nossas Casas, que os nossos Padres se consomem nesta planificação essencialmente instrumental de uma via de progresso humano.

Talvez por isto mesmo o nosso Natal foi tão recheado de suficiência e de carinho. A ceia nada faltou do que tradicionalmente lhe pertence. Depois, um pouco de brincadeira e a passagem de um filme. E, em vez da Igreja da Maxinde, onde há 14 anos convivemos a Festa com sua Comunidade paroquial, foi na nossa Capela

a celebração do Nascimento de Jesus, com o conjunto em função e um coro — verdade se diga — um bocadinho sonolento pelo adiantado da hora e pouca idade da maioria dos componentes.

Antes da nossa e na manhã seguinte, foi nas sanzalas a celebração — viva como a Fé das pequeninas Igrejas reunidas.

Que se puxe o acento para Festa da Família ou Dia da Fraternidade Mundial, fica sem fundamento o título de tal Festa ou de tal Dia: a sacralização da Família humana pelo nascimento nela do Filho de Deus, Irmão dos homens e causa dos homens serem irmãos.

Padre Carlos

Continua a expedição do livro «DOUTRINA»

Todos os dias expedimos livros DOUTRINA, segundo volume — como o primeiro — da autoria de Pai Américo.

E não está já servida a maior parte dos assinantes, inscritos em nossa Editorial, só por carência de sacos, cujo movimento ultrapassa o stock normal da estação dos CTT.

Tem sido uma roda-viva, com Marinho e «Campanera» e Ceireja e «Batalha» e Sabino... e, também, alguns «Batatas» que — sem ninguém os convidar, entusiasmados pela acção — têm feito das suas... É a nossa vida — o seu mundo. E a coisa complica-se mais com a expedição simultânea de O GAIATO, em que não há mãos a medir!

Como prevíamos, colocámos postais RSF dentro de cada jornal da última edição. Uma requisição muito prática e acessível, particularmente aos homens que lutam contra o tempo.

Na hora em que escrevemos, começaram a chegar postais RSF de muitas bandas; alguns pedindo, inclusivé, todas as obras de Pai Américo — e não só! Um, do Porto, exige mesmo — passe a expressão — receber os livros encadernados. Onde chega a Amizade!

Recebemos, já, também, oportunas ressonâncias da obra que saíu do prelo. Caso curioso: dois leitores, sem saberem um do outro, exprimem a seu modo idênticos desejos! Mais curioso, ainda, ser um de Lisboa, outro do Porto.

Eis o primeiro:

«Bons Amigos:

Acabo de receber o 2.º volume de DOUTRINA que se dignaram enviar-me.

Como seria melhor o mundo se esta doutrina chegasse a todos os recantos dele e frutificasse!...»

E a segunda:

«Acabo de receber mais um livro vosso: DOUTRINA.

Que bela prenda de Natal! É que é um livro para meditar dia-a-dia, no decorrer do Ano Novo que vai começar.

Que bom seria os homens, que tanto apregoam doutrinas, soubessem pôr em prática a Doutrina do Homem que sempre lutou pela Justiça!

Envio uma pequena oferta. Perdoem que seja tão pequena.»

Quem tiver ouvidos de ouvir — que ouça.

Entretanto, a gente aguarda os pedidos de quantos ainda não estejam inscritos em nossa Editorial. O segundo volume do DOUTRINA, e não só, estão à vossa disposição. «Campanera», «Batalha», Sabino & C., apesar da louca sinfonia que emprestam ao seu trabalho na expedição da obra ou de O GAIATO, também eles estão de mãos abertas, à vossa espera. «É um livro para meditar dia-a-dia, no decorrer do Ano Novo» — afirma aquela nossa leitora da capital do Norte. E muito bem!

Júlio Mendes

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

a vida nas prisões. A mãe viveu ao desamparo. Com ele criei, desde pequenos também, o seu irmão que trabalhando em Sines passa muitas vezes por Setúbal e tem «as suas razões» para não nos falar. «Jaleca», assim era conhecido, fez-se aqui um serralheiro com curso e canudo!...

O Domingos não foi sem armas nem bagagens. Não senhor. Conversei com ele. Propus-me dar-lhe uma ajuda para

que continuasse os seus estudos. Iria para casa da irmã que lhe estava a mandar dinheiro pró tabaco, pró cinema e outras extravagâncias!...

Comprou uma mala de luxo. Arranjou roupa mais que suficiente. Ofereci-lhe o transporte da carrinha de Paço de Sousa que vinha cá abaixo em serviço da Obra e pús-lhe na mão mil escudos para as primeiras dificuldades!

Oh céus!... O que aquela boca vomitou!... Jamais me quero lembrar.

Conclusão que eu tiro: foi tarde demais. O Domingos devia ter ido há mais tempo.

As suas ameaças e os seus enxovalhos não nos desanimam. Continuamos sabendo que outros farão o mesmo ou pior. «É o sab», diria Pai Américo.

● Um dos meus, já casado e a estudar em Lisboa, confidenciou-me há dias que muitas vezes traz do pequenino-almoço da cantina dois papo-secos. Come e guarda o outro pró almoço. Compra um copo de leite e o papo-seco constitui a sua refeição do meio-dia. Está fora. A vida pesalhe, e duramente. Outro também casado, mas dentro da Obra, vai a Lisboa, aproveita a hora do almoço e apresenta contas: 136\$50.

O peso da vida faz falta a muita gente! Estou convicto que dentro da Casa nunca o primeiro seria capaz de se sujeitar a tantos sacrifícios pelo seu futuro, com a alegria que o faz e sem se revoltar conosco.

Padre Horácio

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

Dias antes o José Araújo telefonou a convidar-nos para a festa de Natal. Ele é o mais responsável pelo rancho infantil do seu bairro, em Coimbra, e a actual direcção encarregou-o de convidar os gaiatos para a festa. A festa foi convívio de Natal, convívio aberto a todos que o desejaram.

Há 38 anos o José Araújo tinha 9 anos e foi um dos três primeiros com os quais Pai Américo começou. Começo de vida sob a protecção do SS. Nome de Jesus. Foi um começar de vida que tem gerado imensas vidas.

Nesta quadra nós saboreámos muitos dos doces frutos das nossas Casas do Gaiato. É para nós sempre uma grande prova de autenticidade da vida familiar da Obra. Eles estão presentes e enchem ainda mais de vida a nossa vida já tão cheia.

Recordo sempre com espanto a primeira vez que visitei a primeira Casa do Gaiato em Maio de 1941. Era Pai Américo e sete pequenitos. Estava no princípio da sua formação a grande hola de neve que depois havia de rolar por grande parte da vida portuguesa.

E esta bola de neve que começou a rolar há 38 anos e que já atingiu muitos milhares de vidas humanas tem de continuar a rolar enquanto houver dentes sem cama e sem carinho; enquanto houver famílias sem casa ou a viver sem vida humana; enquanto houver vidas sem amor, vidas sem vida.

O SS. Nome de Jesus, a Quem Pai Américo confiou os primeiros passos, tem continuado a ser o grande animador. Vamos continuar em Nome do Senhor.

Aqui, Lisboa!

● Escrevemos estas linhas no limiar do novo ano, procurando ouvir e interiorizar as palavras vindas de Roma, em ordem a um compromisso sério e profundo de «Não à violência, sim à paz», pela construção e vivência duma «solidariedade activa», susceptível de contribuir para um Mundo melhor e mais feliz. Neste lugar de combate em que nos situamos, outras armas não queremos que não as da Paz, trabalhando pela promoção dos Direitos do Homem, na perspectiva de que todos os semelhantes são nossos irmãos e que, se a Paz é possível, também depende de nós, pela realização da justiça, pela defesa da vida e pela busca de autêntica reconciliação. Para lá das incompreensões, egoísmos e ódios patentes à nossa volta, e que todos mais ou menos apalpamos ou pressentimos, com o auxílio dos nossos Amigos, rectaguarda inesgotável de forças, estamos certos da vitória final do Amor.

Nos nossos corações e nas nossas inteligências queremos ter bem presentes todas as vítimas dos mais diversos tipos de violências, mormente os sem pão, sem abrigo, sem instrução, sem tratamento ou remédios na doença; dum modo geral chamamos a nós todos os angustiados e em sofrimento, por violência própria ou alheia, que todos são dignos e credores do nosso amor. Com espírito de serviço e de dedicação, em entreeajuda permanente, seremos, efectivamente, obreiros da Paz.

● Ao longo do ano findo muitos Amigos partiram para a Eternidade, juntando-se a uma já longa lista de companheiros de Ideal que nos ampararam com a sua estima e a sua colaboração. Os seus nomes constam do Livro da Vida e serão sempre lembrados.

Reproduzimos a seguir o que Alguém nos escreveu, ao presentir a morte próxima, em meados de 1977, numa demonstração sublime dos sentimentos que unem, não raro, a Família da Obra da Rua. Eis:

«Rev. Padre

Uma pequena lembrança de um antigo amigo da Obra de Pai Américo. Fui empregado na Mobil Oil e desde sempre os acompanhei. Quando V. ler estas linhas estarei junto da minha querida Mulher prestando contas a Deus. Rogo-lhe umas orações e uma santa Missa pelas nossas almas. Obrigado.

Seguirá um vale postal que um velho amigo entregará. Que Deus ajude todos.»

Ao reproduzirmos as palavras acima, outra coisa não pretendemos, por mera justiça, que homenagear na pessoa do Amigo concreto todos Aqueles que nos amaram em vida. Por outro lado, para os vivos, sobretudo os mais jovens, queremos apontar como foi possível edificar a Obra da Rua e é viável a sua sobrevivência.

● Zé Góis é um encantador moço, de 13 anos que nos foi entregue por uma Religiosa há quatro anos e que por ela foi criado desde pequenino. Não conhece pai nem mãe, embora tenha os seus nomes registados na cédula. Trata-se dum jovem muito vivo e loquaz com conversas muito interessantes, que, para lá das suas ocupações escolares, vende O GAIATO em Lisboa e desempenha, aliás, muito a preceito, as funções de nosso servente de mesa. Nos dias de venda, ao regressar, mesmo que não estejamos em Casa, reserva, sem falta, para nós, alguns dos mimos que lhe dão. Certos, embora, de não sermos dignos de tanto carinho dum escorraçado do Mundo, queremos, todavia, avisar lealmente os ofertantes dos mimos em causa que, aguçados na gula, dice pela delicadeza deste nosso Filho, também partilhámos do que traz para a Casa. Não sabendo como retribuir tanta afabilidade, até porque o moço,

por temperamento e feitio, é um tanto refractário a receber as nossas respostas, não encontramos melhor maneira do que aceitar, sem mais, as suas ofertas. Disto queremos, pois, dar notícia, não vão os nossos Amigos desconhecer que o padre também come do que lhe dão os seus Rapazes.

● Em ordem ao esclarecimento de muitos Leitores que se nos dirigem, vimos informar os locais onde, em Lisboa, podem ser entregues donativos de qualquer tipo para a Obra e, dum modo particular, para esta Casa:

Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8, r/c, Dto. (à Estrela); Secretaria do Montepio Geral, Rua do Carmo, 62; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40.

O endereço desta Casa é, como sabem, Santo Antão do Tojal, Loures. Vales e cheques deverão ser passados em nome da Casa do Gaiato.

Padre Luiz

Calvário

Há dias entra-nos pela porta dentro um técnico do Ministério da Educação da Suécia. Vem acompanhado por quem já conhece este recanto.

A medida que este senhor pisa o nosso terreno, maior é a sua admiração. Eu, que tenho muito respeito pelos técnicos, vou adiante abrindo portas, cortando o silêncio, apenas com alguns comentários explicativos. Ora, ao contrário do habitual, este técnico não tem pressa em avançar. Pára a cada instante.

E é no pequeno caveau do Calvário que venho a saber a razão de tanto interesse e admiração por tudo isto.

Este senhor veio da Escandinávia para colher informações sobre problemas relacionados com os deficientes mentais portugueses. Na capital, no departamento congénere àquele em que trabalha na sua pátria, indaga pelas nossas Instituições destinadas a deficientes profundos, a fim de as conhecer, dado que se dedica especialmente a elas e até dirige algumas na Suécia. Com surpresa recebe um «não conhecemos nada entre nós». Por isso, este senhor, ao transportar a porta do Calvário, cai de espanto.

— Afinal sempre encontrei o que procurava! Sempre dei com alguma coisa para profundos!

A gente, sem querer, anda nas bocas do mundo! Quisemos e queremos ser pequeninos. Mas vêm senhores de longe a dizer que não, que vale a pena conhecer isto. Ele lá sabe porquê. Mas eu não fico muito longe, por certo, de acertar nas razões dele. E por isso fiquei feliz. Feliz por ver um homem apaixonado pelo problema, a que poucos se dedicam e que muitos entre nós ainda ignoram ou fingem desconhecer para não terem de o suportar.

E fiquei a saber mais. Na Suécia as coisas são diferentes. O deficiente é acolhido como os outros e de há muito tempo. E não apenas o débil mental. O profundo também. Estes últimos têm escolas obrigatórias. E para cada seis deficientes profundos o Estado coloca-lhes à disposição um monitor e um auxiliar.

Nós ainda vamos muito longe disto! Nem lá chegaremos nunca, por certo, tal o atraso!

Sim, fiquei feliz em confirmar que outros pensam de igual maneira: todo e qualquer ser humano merece a atenção dos homens; todo o ser humano é susceptível duma certa aprendizagem, mesmo aquele que roça pela craveira dos irracionais.

Não sei se poderei afirmar, que, às vezes, será mais útil consumir escudos com estes, do que com aqueles que, propositadamente, não lucram com o ensino que lhes é ministrado.

Fala-se de direitos humanos, e muito, hoje. Fala-se e há-de continuar a falar-se muito daquilo que não queremos muito bem reconhecer em todo o homem.

Padre Baptista

DESCOBRI UM NOVO MUNDO

Cont. na 1.ª pág.

algibeiras. Quis transplantar o pequenino habitante do tugúrio em terreno adequado, tendo o cuidado de sacudir o torrão na soleira da porta! Quis e fiz. O amor é mais forte do que a morte. Comprei uma quinta para eles. Chama-se a Casa de Repouso do Gaiato Pobre.

Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias de Férias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!

Podia tomar agora o pequenino doente nos meus braços, retirá-lo do casebre onde tudo falta, e deitá-lo eu mesmo na sua cama, onde há sol e abundância, regalado.

Podia atender num instante, e deixar ir para Miranda do Corvo, o traquina que por vezes me sai ao caminho: — «Deixe-me ir consigo». Podia.

Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro. Destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias, eu realizei eficazmente os meus desejos, que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles — descobri um novo mundo.

A compra da casa que havia de ser do Gaiato, foi feita sem dinheiro.

Tinham-me informado de uma casa de campo à venda, sita a dois passos da vila de Miranda do Corvo, adequada ao meu fim. O meu informador era o próprio vendedor: «Venha ver que há-de gostar».

Fomos examinar casa e local, por uma tarde de verão. Gostei e tratei por quarenta mil escudos.

Isto foi no mês de Julho de trinta e nove. Por aquele tempo, tinha eu em Vila Nova do Ceira os garotos das Colónias de Férias, a quatro alqueires de boroa nas vinte e quatro horas, fora o mais que eles consumiam. Tinha a costuma da visita semanal às famílias pobres de Coimbra que eram minhas, muito antes da revolução do garoto; e nunca, por causa dela, deixaram de o ser. Tinha despesas, encargos, compromissos e muita esperança no dia de amanhã.

A torre de Babel não chegou ao céu por ser errado o caminho que levava. A Obra do garoto da rua, sim.

Outros alicerces, outra argamassa, outros caminhos. Não vai pelo orgulho; vai pela humildade. Não há confusão de línguas; há união de pensamento.

Os construtores de Obras assim não têm medo de dinheiro; eles sabem que Jesus o mandou retirar de dentro de um peixe para saldar contas com César.

Onde quer que seja e onde menos se espera, encontra a gente o que precisa.

Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de poucas semanas tinha a dívida saldada. A César o que é de César.

A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos, na primeira semana de Janeiro de mil novecentos e quarenta.

D. Américo
(in OBRA DA RUA)

Uma CARTA

«Estamos alegres convosco pela máquina nova, já a trabalhar.

Há meses que esperávamos a altura de vos poder mandar uma ajuda, que agora chegou.

A ideia, que bem desejamos se concretize em breve, expressa no «Calvário», deixou-nos cheios de esperança. Bem sabemos o muito e muito que neste campo há a fazer!

Como o «Património dos Pobres» é também motivo de inquietação, sugeríamos que a migalha fosse dividida em duas.

Dois são também os nossos filhos, razão de esperança em que venham a ser dois homens no sentido verdadeiro da palavra.

Logo que possamos, mais um bocadinho seguirá.

Pedindo a Deus que a todos dê coragem para continuar, nos subscrevemos com o pedido de não ser mencionada esta importância.»

É uma carta da Capital do Norte.



Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa